

DIA DE ASSINAR O ACORDO. OU NÃO?

Depois de tanta demora nas negociações da dívida, outro problema: ainda faltam acertos para a assinatura do acordo com os bancos.

A assinatura do pacote de US\$ 3 bilhões para o Brasil sair da moratória, marcada para hoje, em Nova York, poderá ser adiada, porque ele não foi completamente fechado. E o primeiro pagamento brasileiro, previsto para **on or about** 14/12 (no dia 14/12, ou por volta desta data), ficou retido em Brasília, a partir de ontem, podendo ser efetuado só no próximo dia 21.

"Não temos nenhuma certeza de que o pacote estará pronto para a assinatura nesta terça-feira", informou ao JT uma fonte diretamente envolvida nas negociações. Mas isto não significa nenhuma crise, como acrescentou a mesma fonte: "Acontece que estamos lidando com muitos bancos, e em vários países do mundo, e a documentação atrasa. Não creio que tenhamos tudo pronto nas próximas horas".

Uma outra fonte assegurou que "até o começo da tarde", ontem, "os US\$ 3 bilhões não tinham sido inteiramente coletados". Há quase dez dias, o comitê assessor dos bancos credores anunciou que o pacote estava a ponto de fechar, faltando-lhe "apenas US\$ 100 milhões", e um banqueiro, precipitando-se, chegou a comemorar: "foi um sucesso. Arrecadamos o dinheiro num tempo recorde".

A impressão deixada era a de que, por parte dos bancos internacionais, o compromisso assumido com o acordo provisório fechado no começo de novembro estava cumprido, e que agora cabia ao Brasil fazer uma primeira transferência de suas reservas cambiais, um total de US\$ 300 milhões que se somariam a US\$ 600 milhões do empréstimo-ponte, para o pagamento de cerca de US\$ 900 milhões de juros devidos em outubro e novembro.

Um importante banqueiro credor do Brasil, e que revelou ontem ter entrado no pacote porque "sou parte do jogo", e não porque tives-

se interesse ou mesmo quisesse, chegou a declarar ao JT, no começo da tarde, que "assumimos que o dinheiro brasileiro tenha sido transferido para o **BIS**", o banco de compensação internacional da Basileia, na Suíça, que é o banco central dos bancos centrais.

Sobre a data flexível indicada pelo **on or about** 14/12, no acordo, ele disse: "Certo, este é o único prazo maleável. Seria muito bom que o Brasil o cumprisse a partir do momento que começou a contar. Isto nos restituiria a confiança para as negociações do acordo de longo prazo".

O JT voltou a chamar este mesmo banqueiro, no final do dia, para lhe dizer que o Brasil ia atrasar o pagamento porque o próprio pacote não estava ainda fechado. Ele estranhou as informações sobre a coleta de dinheiro, dizendo que o problema fosse talvez de documentação, e acrescentou:

"O **On or About** deve cobrir esta semana, a meu entender. Se o pagamento ficar para a semana que vem, pode complicar".

Um outro banqueiro internacional consultado, ontem, confirmava a impressão de que "a comunidade bancária está com um pé atrás" em relação ao Brasil. Uma expressão disso, como ele explicou, é visível nas linhas de curto prazo de US\$ 15 bilhões que mantêm o comércio exterior do Brasil. "O Brasil só não sufocou porque o Banco Central permitiu transações em cruzados", ele contou. "Se a confiança fosse geral, depois do acordo provisório, a tendência era acabar com o sufoco. Mas dois grandes bancos, ao contrário, estão mantendo as linhas de curto prazo por 15 dias, e não mais 30 a 45 dias, como antes." Um desses dois grandes bancos, como foi apurado, é o Citicorp, o maior credor do Brasil.

**Moisés Rabinovici,
de Nova York**

